

AVENTAL TODO SUJO DE OVO

Peça de Marcos Barbosa

Personagens

Alzira

Moacir

Antero

Noélia

1.

Um misto de sala de estar e sala de jantar de absoluta modéstia, numa periferia de absoluta modéstia, no interior.

Por muito que ainda não seja nem bem cinco da tarde, a mesa já está posta para o jantar. Na sala vazia, o silêncio da tarde do segundo domingo de maio só é rompido quando, fora da casa, ouvimos alguém gritar:

NOÉLIA. *(fora de cena) Alzira! (após uma pausa, o mesmo chamado) Alzira! (após outra pausa, mais uma vez) Ô, comadre! (mais um tempo e, na falta de uma resposta, entra Noélia, trazendo consigo um véu, um rosário e a conta da luz) Alzira, cadê tu?*

ALZIRA. *(fora de cena, na cozinha) Antero?*

NOÉLIA. *(rindo) Não, mulher, sou eu!*

Alzira entra e vê Noélia.

NOÉLIA. *(ainda ri) Está querendo me aleijar, me chamando pelo nome do compadre?*

ALZIRA. *(sem achar graça na piada) Não sabe mais bater na porta, não, Noélia?*

NOÉLIA. Mas se estava aberta...

ALZIRA. Batesse palma! Ninguém entra na casa dos outros sem dizer nada, não.

Alzira volta à cozinha.

NOÉLIA. Eita, que eu já vi que hoje é dia!

ALZIRA. *(fora de cena) Dia de quê?*

NOÉLIA. Que é que adianta eu dizer se tu não está me escutando?

ALZIRA. *(fora de cena) Espera aí que eu não estou escutando nada!*

Noélia desiste da conversa à distância e senta para esperar pela amiga. Passado algum tempo, Alzira volta, enxugando as mãos num pano de prato.

ALZIRA. Pronto.

NOÉLIA. Fazendo canjica?

ALZIRA. (*estranhando a pergunta*) Não... Por que?

NOÉLIA. Cheiro de canjica na casa.

ALZIRA. É da canela que eu estou usando.

NOÉLIA. Está fazendo aquele teu bolo?

ALZIRA. Não, outra coisa.

NOÉLIA. O quê?

ALZIRA. Arroz doce.

NOÉLIA. (*um tanto surpresa*) Arroz doce? E pra que é que tu foi inventar de fazer arroz doce, Alzira?

ALZIRA. Pra jogar na cara do povo que passar na rua.

NOÉLIA. Valha, mulher, como tu está ignorante!

ALZIRA. E pra que eu vou querer arroz doce, Noélia?

NOÉLIA. Eu perguntei não foi isso, não. Só fiz foi estranhar! Não é nem São João...

ALZIRA. E por acaso só se faz arroz doce em São João?

NOÉLIA. Que eu saiba, é.

ALZIRA. Então ligue aí pra polícia e mande me prender.

NOÉLIA. (*refreando uma resposta agressiva*) Comadre, senta aí...

Alzira senta.

NOÉLIA. O que é que está havendo?

ALZIRA. Nada, Noélia. Nada! Mas se eu cometi um crime, então o certo é me levarem pra cadeia. É ou não é? Quando chegar lá eu explico pro delegado que fiz arroz doce e aí, conforme seja, ele me leva pro presídio feminino ou manda me matar, qualquer coisa assim. (*repara em Noélia e muda de tom*) Desculpa, mulher! Mas também, tu pergunta muita besteira...

Noélia não diz nada.

ALZIRA. Pronto, Noélia, já pedi desculpa!

NOÉLIA. *(após uma pausa)* Passou a raiva?

Alzira aquiesce.

NOÉLIA. Tem certeza?

Alzira aquiesce.

NOÉLIA. Eu vim saber se tu queria ir pra igreja comigo...

ALZIRA. *(após alguma hesitação)* Agora, já?

NOÉLIA. É.

ALZIRA. Tão cedo?

NOÉLIA. A gente fica lá na calçada passeando, conversando, vendo o povo...

ALZIRA. Eu ainda vou tomar banho.

NOÉLIA. Depois tu toma! Muda só a roupa e pronto.

ALZIRA. *(ponderando)* Aliás, não. Deixa, comadre... Pode ir. Hoje eu não vou, não.

NOÉLIA. Que besteira, Alzira! Na volta tu toma banho.

ALZIRA. Não tem cabimento nenhum eu ir pra missa assim: toda requenguela.

NOÉLIA. Não tem nada de requenguela. Tire esse avental, mude o vestido e pronto.

ALZIRA. *(cheirando as mãos)* Minha mão está o puro ovo!

NOÉLIA. Estava fritando ovo pra janta do compadre?

ALZIRA. Não, criatura! É o ovo do arroz.

NOÉLIA. Que arroz?

ALZIRA. O arroz doce, Noélia!

NOÉLIA. E teu arroz doce leva ovo?

ALZIRA. E o teu, não?

NOÉLIA. Não, senhora.

ALZIRA. Vai ver que é por isso que não presta.

NOÉLIA. Pois ano passado, na quermesse, eu fiz uma panela assim e todo mundo disse que estava ótimo!

ALZIRA. Questão de educação.

NOÉLIA. Então, pronto: se o teu é tão bom, esse ano quem vai fazer é tu.

ALZIRA. Não.

NOÉLIA. Por que?

ALZIRA. Porque não.

NOÉLIA. Então não fique falando mal do meu arroz/

ALZIRA. (*corta*) Esse arroz aí é o que eu fazia pra Moacir, Noélia! Era o doce que ele gostava!

Um silêncio.

ALZIRA. Satisfeita?

NOÉLIA. Desculpa... (*após uma pausa*) Desculpa, viu?

ALZIRA. Não precisa desculpar nada, não... Deixa. Vá lá, pra missa, que hoje eu estou muito agoniada.

NOÉLIA. E tu, agoniada desse jeito, ainda vai ficar em casa, sozinha?

ALZIRA. Vou.

NOÉLIA. Vai é piorar.

ALZIRA. Daqui a pouco Antero chega.

NOÉLIA. Ora se isso é conversa, Alzira! O compadre não vem tão cedo. Está lá na praça, jogando dominó. Nesse instante eu fui na bodega comprar um guaraná e vi: Estava tão animado que eu dei boa tarde e ele não virou nem a cara pra responder.

ALZIRA. Ele está ficando mouco.

NOÉLIA. Não. Ele é mal educado, mesmo.

Alzira reprova Noélia com o olhar.

NOÉLIA. Alzira, ele vai pra jogatina porque quer e fica lá porque quer. Também não adianta querer defender, não. Ele fica lá porque gosta. Ninguém está amarrando ele!

ALZIRA. Ô, meu Deus! Tanto que eu rezo pro Antero se livrar desse vício...

NOÉLIA. E estava fumando, viu?

ALZIRA. E eu não sei, mulher? Agora é isso: não deixo mais fumar em casa aí ele vai fumar lá na praça. Não tem jeito, não. Qualquer dia desse ele me põe doida. Um homem velho daquele, acabado, doente do coração, com a pressão alta e fumando daquele jeito.

NOÉLIA. Eu já disse pra tu arranjar aquele livrinho dos adventista, ensinando a largar o cigarro. Diz que é tiro e queda, funciona mesmo.

ALZIRA. Não vou me meter em coisa de adventista, não, Noélia, que eu ainda não estou doida! Esse negócio de crente, nenhum presta. E vamo deixar de conversa, que se tu ficar aí de prosa comigo vai perder a missa.

NOÉLIA. Tem tempo.

ALZIRA. E não disse nesse instante que já estava tarde?

NOÉLIA. Pois vai logo mudar a roupa.

ALZIRA. Não, Noélia! Se eu já disse que hoje eu não vou é porque não vou.

NOÉLIA. (*pede*) Ô, comadre, vamo... Só pra eu não ter que ir só...

ALZIRA. Criatura, daqui pra lá não dá nem cinco minuto!

NOÉLIA. Mas eu acho tão ruim ir só...

ALZIRA. Não estou com cabeça, não, Noélia... Me desculpe, mas hoje não dá.

NOÉLIA. E se está agoniada assim, de que é que adianta ficar em casa?

ALZIRA. Aqui, pelo menos, eu não tenho que ficar rindo pra cara de ninguém.

NOÉLIA. Mas lá tu espairose. Vai ser tão bonito, hoje! A igreja está toda enfeitada! Uma faixa na frente dizendo “Feliz dia das mães!”/

*Finalmente, Noélia entende qual a origem do desassossego de Alzira.
Um silêncio.*

ALZIRA. Se eu for, eu vou ficar pior.

NOÉLIA. Saudade, né?

ALZIRA. Ô...

NOÉLIA. Ah, meu Deus... Mãe é mãe, mesmo. Já vai pra quantos anos?

ALZIRA. Dezenove.

NOÉLIA. Passa que a gente nem vê.

ALZIRA. Desde ontem que eu não penso noutra coisa. Morrendo de medo que não seja alguma mensagem, algum aviso.

NOÉLIA. Não se preocupe, não, Alzira. Se fosse coisa ruim, a gente já estava sabendo. É porque hoje é dia das mães, você ficou desse jeito: Pensando.

ALZIRA. Hoje é aniversário dele.

NOÉLIA. Hoje?

ALZIRA. É. *(pausa)* Será, meu Deus, que esse menino está bem, onde ele estiver? Noélia, Deus proíba, mas eu estou aqui pensando se esse meu desassossego não é Moacir me dizendo pra encomendar uma missa pra alma dele.

NOÉLIA. Ave-maria, mulher! Essas coisa a gente nem diz! *(mostrando os pêlos do eriçados do braço)* Olha aqui...

Noélia faz o sinal da cruz, Alzira a acompanha.

ALZIRA. Mas e se for?

NOÉLIA. Não é, não, senhora! Não é nada disso! Moacir, onde ele estiver, está vivo. Vivo igual a nós. E vai logo trocar de roupa que quem está precisando de reza é tu. Vai!

ALZIRA. Não, Noélia. Vá só. Vá só, que se hoje eu for lá eu vou ficar muito triste.

NOÉLIA. Besteira. Hoje é que é o dia de ir. Lá, pelo menos, você conversa com Deus, conversa com Nossa Senhora, pede um lenitivo. Depois você vai comigo lá pra casa, esperar Cabeça. Sete horas ele vem com os menino, me ver. Aí a gente fica conversando, fica rindo e tu esquece.

ALZIRA. Eu vendo Cabeça, aí é que eu não esqueço, mesmo.

NOÉLIA. Sim, criatura, mas pelo menos tu não fica só! Não estando só, já é uma melhora. Tu sabe que numa hora dessa o compadre não é boa companhia, não sabe? O negócio dele é só arranjar briga!

ALZIRA. Briga por briga, é bem capaz de tu acabar brigando com a tua nora e aí se for pra ficar vendo chafurdo na casa alheia eu prefiro o da minha.

NOÉLIA. Graças a Deus, hoje aquela seca não bota o pé lá em casa. Ela já obrigou Cabeça a passar o dia na casa da mãe dela, com a família dela, achando que ia tirar meu juízo. Pois quebrou a cara e eu achei foi bom. Não disse uma palavra: “Meu filho, se sua mulher quer que você passe o dia das mães com a mãe dela, por mim, tudo bem. Vá com ela e lá mesmo você fique. Não precisa vir me ver, não. Pra quê? Deixe que eu fico só. Se Fafata fosse viva, eu garanto que ela ficava comigo, mas Fafata era uma e você é outro. Você inventou de gostar dessa sua mulher, que me odeia. Odeia, sim. Odeia, sim, senhor. Tanto me odeia que já disse na minha cara. Mas tudo bem. O gosto é seu, a vida sua, você faz o que você quiser. Se ela não vai com a minha cara, o problema é dela e quem não tem com o que me pagar, a mim não

me deve nada! Agora, sem querer rogar praga – que eu, graças a deus, não sou disso – eu vou logo lhe dizendo que do jeito que ela está lhe proibindo de ficar com sua própria mãe no dia das mães, talvez um dia aconteça do mesmo jeito com algum filho dela!” E pronto, calei minha boca.

ALZIRA. E Cabeça?

NOÉLIA. Cabeça naquela conversa dele de “Mamãe, não é isso. Mamãe, não é aquilo.” E aí resolveu que quando desse de noitinha ele passava aqui em casa pra comer um bolo, tomar um café, dar um guaraná pros menino. “E me dê o presente de não trazer sua mulher” – eu disse.

ALZIRA. Disse mesmo?

NOÉLIA. Disse e disse alto, porque eu sei que ela fica na extensão.

ALZIRA. Cabeça é um menino de ouro.

NOÉLIA. É um santo. Não sendo por aquela cobra, eu não tenho nada que reclamar dele. Graças a Deus.

ALZIRA. Graças a Deus. *(após uma pausa)* A coisa mais linda era a amizade dele com Moacir.

NOÉLIA. Era mesmo.

ALZIRA. Ah, Noélia... Se tu soubesse o tamanho da dor que tem no meu peito!

NOÉLIA. E eu não sei, Alzira?

ALZIRA. Não tem como saber, não, comadre! Não tem como tu saber, não.

NOÉLIA. Eu já perdi uma filha, Alzira. Tu estava lá comigo e viu. Tu viu quando eu perdi Fafata, que Deus a tenha.

As duas fazem o sinal da cruz.

NOÉLIA. Eu sei como que é quando um filho da gente vai embora.

ALZIRA. Noélia... Fafata, por pior que tenha sido a morte dela, foi uma coisa que você viu. Acompanhou. E, no fim, estava todo mundo junto. Todo mundo lá, pra dizer um adeus, uma palavra de fé. Fafata você sabe onde está, tem como ir conversar com ela, levar uma flor. Agora, Moacir...

Um silêncio.

NOÉLIA. Mulher, não chore, não... Anda. Vamo deixar de conversa. Guarda aí a conta da luz, muda essa roupa e vamo nós duas pra missa/

ALZIRA. *(corta)* Que conta de luz?

NOÉLIA. *(entregando o documento)* Estava lá fora, eu trouxe.

ALZIRA. Trouxe de onde, Noélia?

NOÉLIA. Da caixa do correio.

ALZIRA. E eu não já disse pra tu não mexer nessa caixa, mulher?

NOÉLIA. Criatura, também não precisa falar assim, não. Ave-maria! Eu te presto um favor e parece que eu te fiz foi um mal.

ALZIRA. Eu por acaso lhe pedi algum favor? Pois então... Se não pedi, estou no direito de recusar.

NOÉLIA. Valha-me, Deus...

ALZIRA. O favor que eu estou lhe pedindo é pra você pegar essa conta e botar de novo lá na caixa do correio, antes do Antero chegar da rua.

Noélia, um tanto estarecida, fita Alzira.

ALZIRA. Mas se não quiser fazer isso por mim, também é um direito seu não fazer. Aí eu mesma pego a carta, vou lá e boto.

NOÉLIA. Não, comadre. Se é assim, eu vou.

ALZIRA. Pois vá.

NOÉLIA. Já estou indo.

ALZIRA. Não está, não. Está é parada na minha frente jogando conversa fora! Vá logo.

NOÉLIA. *(saindo)* Deus me livre! *(já fora de cena)* A gente tem agüentar cada uma...

ALZIRA. *(gritando para a vizinha)* Não é questão de *agüentar*, não, Noélia! É questão de fazer as coisa direito.

Passados alguns instantes, Noélia volta.

NOÉLIA. Pronto, ninguém morreu.

ALZIRA. Graças a Deus.

NOÉLIA. Mas esse teu marido também, Alzira... É de arranjar muita confusão.

ALZIRA. Noélia, vamo parar com essa conversa? Você não sabe que está errada?

NOÉLIA. Eu?

ALZIRA. É: a senhora. A senhora, sim.

NOÉLIA. Eu, mesma, não!

ALZIRA. *(repreende a amiga, pesando cada sílaba)* Noélia...

NOÉLIA. Tá, mulher, pronto! Acabou! *(após uma pausa)* Quem vê, pensa que eu te fiz um mal.

ALZIRA. A mim, não. Você estava querendo ajudar, eu entendo. Mas Antero não gosta. A diversão que ele ainda tem, afora o vício, é pegar essas carta que chegam.

NOÉLIA. Se ainda fosse alguma coisa importante.

ALZIRA. Pra ele, é!

NOÉLIA. Cada doido com a sua mania... A gente vai ficando velho, vai inventando maluquice, né?

ALZIRA. Que velho, Noélia? Quem é que está velho?

NOÉLIA. O compadre, o véio Antero.

ALZIRA. E agora tu deu pra chamar ele de *véio* Antero, foi?

NOÉLIA. Ô, Alzira, também não é por mal, não.

ALZIRA. Tu é muito boa pra inventar apelido pros outro, aí depois o povo começa a te chamar de nome e tu não gosta.

NOÉLIA. *(levantando)* Comadre, eu já vou embora, viu?

ALZIRA. *(mudando de atitude)* Por que, Noélia? Chegou nesse instante. Espera aí!

NOÉLIA. Mas desde que eu botei os pés nessa casa que tu arranja confusão comigo!

ALZIRA. Noélia, senta aí... Deixa de besteira.

NOÉLIA. Eu sou tua comadre, Alzira!

ALZIRA. Eu sei, comadre, desculpa. É minha cabeça. Senta aí...

Noélia volta a sentar.

ALZIRA. *(após uma pausa)* Às vezes eu acho que Antero tem essa mania de pegar carta é na esperança de um dia encontrar algum bilhete do menino.

NOÉLIA. É, não, mulher, é chatice de velho, mesmo!

Alzira repreende Noélia com o olhar.

NOÉLIA. (*desconversa*) Está bom de conversa, né? Vamo logo pra missa e pronto. Vá tomar banho, vá... Pode ir, que dá tempo.

ALZIRA. Não, deixa. Vou só mudar o vestido. Depois eu tomo banho.

NOÉLIA. Pois vá.

ALZIRA. Não estou fedendo a ovo, não. Estou?

NOÉLIA. Não.

ALZIRA. Tem certeza?

NOÉLIA. Vai logo, mulher!

Alzira sai, deixando Noélia a sua espera, na sala. Passado algum tempo, Alzira volta, agora sem o avental, mas com um vestido surpreendentemente parecido com o que usava antes. Ela traz ainda um véu, um rosário e um pequeno embrulho.

ALZIRA. (*mostrando o vestido a Noélia*) Está bom, esse aqui?

NOÉLIA. (*já se preparando para sair*) Está ótimo. Vamo.

ALZIRA. Posso te mostrar uma coisa antes?

NOÉLIA. O quê?

Alzira entrega a Noélia o pequeno pacote que trouxe consigo. Noélia desfaz o laço com cuidado para descobrir o conteúdo: uma gravata azul, de criança.

ALZIRA. Lembra?

NOÉLIA. (*aquiesce, lembrando*) Tanto trabalho que deu pra costurar... Essa seda, o que tem de brilhosa, tem de lisa. Tanto que a gente pelejou pra não ficar enviesado...

As duas riem.

NOÉLIA. (*observando o pano*) Ainda brilha.

ALZIRA. Quando vai juntando pó, apagando, eu passo uma água, um sabão de côco... Aí o brilho volta.

NOÉLIA. Cabeça, a essa altura já perdeu a dele faz anos.

ALZIRA. Criança não liga pra isso, não. Deixam tudo largado, quanto mais roupa. Essa ainda está assim porque fui eu que guardei. Achei nas coisa dele, depois que ele foi embora. O resto eu dei, mas a gravatinha eu tive de pena de dar. Tão linda, né?

NOÉLIA. É... (*após uma pausa*) E aquela roupinha de gala, a branquinha, que a gente fez pra eles usarem com a gravata?

ALZIRA. Aquela eu não achei, não. Eu tenho pra mim que ele foi embora vestido com ela. Senão tinha ficado aí. O resto tudo ficou... (*após uma pausa*) Será, comadre, que um dia Deus ainda vai me dar essa graça de eu conversar de novo com Moacir?

NOÉLIA. Deus é Deus, Alzira. Em se pedindo, tudo Ele dá.

ALZIRA. Tanto que eu já pedi...

NOÉLIA. Quando for o tempo certo, Ele lhe atende.

ALZIRA. Aquela roupinha branca eu guardava toda engomadinha, toda cheirosa. Ficava no bauzinho dele, num pacote de papel de seda.

NOÉLIA. Era linda.

ALZIRA. Era, mesmo.

NOÉLIA. Fazia tanto gosto, os dois, naquela festa das mães. Lembra?

ALZIRA. Ô!

NOÉLIA. Parece que foi ontem, né? Os dois juntos, no palanquinho, cantando:

E Noélia começa a cantarolar o que lhe sobrou na memória desta valsinha de Herivelto Martins e David Nasser:

*Ela é a dona de tudo
É a rainha do lar
Ela vale mais para mim
Que o céu, que a terra, que o mar
Ela é a palavra mais linda
Que um dia o poeta escreveu
Ela é o tesouro que o pobre
Das mãos do senhor recebeu
Mamãe, mamãe, mamãe
Tu és a razão dos meus dias
Tu és feita de amor de esperança*

Alzira, doendo de saudade, acompanha a amiga:

*Mamãe, mamãe, mamãe
Eu te lembro o chinelo na mão
O avental todo sujo de ovo
Se eu pudesse eu faria outra vez, mamãe
Começar tudo, tudo de novo*

Alzira não agüenta mais e rompe em choro. Noélia abraça a amiga, consola-a como pode. Elas permanecem assim, abraçadas, por um tempo.

Nisso, Antero aparece na porta. Numa mão ele traz a conta da luz e, na outra, o lenço que usa para, vez por outra, enxugar a saliva que lhe escorre por um dos cantos da boca. Há coisa de dezenove anos, Antero sofreu um acidente vascular cerebral e entre as seqüelas que carrega está o pouco controle de um dos lados do corpo.

ANTERO. *(após uma pausa)* Que foi?

As duas amigas, percebendo a chegada de Antero, desfazem o abraço e logo disfarçam as lágrimas.

ALZIRA. Nada, Antero! Não foi nada!

ANTERO. Estão chorando, é?

ALZIRA. Você por acaso está vendo alguém chorar? Vá catar piolho em cobra, vá!

ANTERO. Fez a janta?

ALZIRA. Na cozinha.

Antero sai para a cozinha.

ALZIRA. Ô véio chato!

NOÉLIA. Deus me perdoe, mas graças a Deus que eu já sou viúva!

ALZIRA. *(embrulhando de novo a gravatinha)* Vamo embora, Noélia. Vamo embora, que é pra eu não ter raiva. Sentiu o cheiro do cigarro?

NOÉLIA. Ô! Daqui dava pra sentir.

ALZIRA. Deus me livre...

Já estão prestes a sair quando Antero grita da cozinha:

ANTERO. *(fora de cena)* A janta é esse arroz doce, é?

ALZIRA. *(corre para a cozinha)* Não, Antero! Não mexa no arroz, não! Sua janta é a da cuscuzeira! *(já fora de cena)* Está aqui, tua janta, ó! É isso aqui! Agora, além de mouco, está ficando cego? Nunca nem gostou de arroz doce, pra estar comendo o que não é seu! Esse arroz é pra mim levar pra festa da Noélia! – Não quero conversa, Antero! Estou saindo pra missa e já estou atrasada!

Alzira volta, esbaforida, ofegante. Senta para tomar fôlego.

ALZIRA. Já pensou se ele come?

NOÉLIA. Deixasse ele comer, mulher! Que é que tem?

ALZIRA. Fiz foi pra Moacir, não foi pra ele!

NOÉLIA. (*sentando novamente*) Criatura, se tu anda tão agoniada assim, porque não faz logo do jeito que eu te disse e bota a foto dele na televisão?

ALZIRA. Ele já mudou muito, Noélia! Quando saiu daqui, era uma criança.

NOÉLIA. Então quem tem que ir na televisão é tu, dizer que está procurando por ele./

ALZIRA. (*corta*) Noélia, isso é pra quem mora em São Paulo, no Rio... Esse povo famoso, nenhum é por nós. Deixe eu ficar no meu canto, mesmo. Se Deus, antes de eu morrer, quiser me dar essa graça, Ele me dá. Deixa na mão Dele. Ele é quem sabe mais.

Noélia aquiesce. Alzira vai recobrando o fôlego.

NOÉLIA. (*após uma pausa, só para se certificar*) Quando tu disse que ia levar o arroz doce lá pra casa, era verdade?

*Alzira fulmina Noélia com o olhar.
Ecuridão.*

2.

Dois ou três dias depois, a mesma sala vazia, com a mesa já posta para o jantar de Antero, por mais que ainda não seja nem cinco da tarde.

Passado algum tempo, entra Moacir, com muita cautela, carregando consigo uma mala grande e uma maleta pequena. O menino de quase vinte anos atrás agora é uma mulher e se as intervenções feitas em seu corpo (especialmente nos seios, nos lábios e nas maçãs do rosto) não fossem de qualidade tão absurdamente fajuta, talvez tivesse se tornado uma mulher bonita.

Moacir olha em volta e constata que a casa não mudou praticamente nada nas quase duas décadas em que esteve fora. Ele examina o teto, o piso, os móveis, os objetos e, em dado momento, por descuido, acaba por fazer algum ruído, que Alzira ouve lá do quarto.

ALZIRA. *(fora de cena)* Chegou, Antero? A tua canja está pronta já faz mais de hora! Tu podendo vir quando eu digo, não. Fica lá, com aquela ruma de vagabundo, teus amigo. Adianta eu falar que estão te roubando? Adianta nada! Deixa de comer pra jogar dominó. Pois eu vou lhe dizer pela última vez. – Está me ouvindo, Antero? – Pela última vez: eu, por mim, não esquento mais a minha cabeça. Já tenho problema demais. Você tome conta da sua vida porque a partir de agora eu vou tomar conta é da minha. E pronto. Acabou-se a farra! *(após uma pausa)* E se não quiser tomar canja fria, você mesmo pegue sua mãozinha boa, vá lá na cozinha, acenda o fogo e bote a panela pra esquentar, que isso aqui não é restaurante, pra comida sair na hora certa que tu quer, não. É na hora que der pra mim fazer e olhe lá. *(a voz de Alzira vai ficando mais próxima)* E aí, Antero, tu aproveita logo que eu não estou vendo e entope a tua canja de sal, do jeito que tu gosta, porque aí pode ser que tu desgrace logo a tua pressão, morra e me deixe logo em paz/

Entra Alzira e, de súbito, interrompe a já tão repetida fala que, de outra forma, seguiria por muito mais tempo: de imediato, ela reconhece Moacir.

Longo silêncio.

MOACIR. *(ensaiando um gracejo)* A bênção, Dona Alzira...

Alzira senta como quem desmonta.

MOACIR. A senhora está passando mal?

Alzira não consegue encarar o filho.

MOACIR. Vou lá dentro pegar uma água com açúcar pra senhora, viu?

Alzira não consegue reagir.

MOACIR. Mãe?

Ao ouvir a palavra já tantas vezes sonhada, Alzira encara finalmente o filho.

MOACIR. Tudo bem?

ALZIRA. *(após uma longa pausa)* Está na geladeira... O açúcar.

Moacir aquiesce, sai e, após alguns instantes, volta com a garapa.

MOACIR. *(oferecendo o copo a Alzira)* Tome.

Alzira recebe o copo e toma da água. Moacir a observa intensamente.

ALZIRA. Vou lá passar uma água nesse copo.

MOACIR. *(detendo a mãe)* Deixe que eu vou.

ALZIRA. Não, eu vou.

MOACIR. *(irredutível)* Me dê.

Alzira cede, torna a sentar e entrega o copo a Moacir, que sai.

ALZIRA. *(gritando para o filho)* Não precisa lavar com sabão, não, viu? É só passar uma agüinha, mesmo. Só pra não dar formiga. *(após uma pausa)* Ouviu, Moacir?

MOACIR. *(fora de cena)* Sim, senhora!

E logo Moacir volta, enxugando as mãos num pano de prato.

MOACIR. Pronto.

ALZIRA. Deixou o copo onde?

MOACIR. No escorredor.

ALZIRA. Não, Moacir. Era pra deixar na pia. No escorredor só vai a louça lavada.

MOACIR. Eu lavei, mãe.

ALZIRA. Com sabão?

Moacir aquiesce.

ALZIRA. E eu não disse que era só pra passar água?

MOACIR. Mas, se não custava nada, o que é que tinha eu lavar logo?

Moacir senta. Outra vez, o silêncio.

ALZIRA. *(finalmente)* Dezenove anos, meu filho... Quase vinte.

MOACIR. *(desconversa)* E como é que estão as coisas por aqui?

Alzira indica a casa a sua volta.

ALZIRA. E tu?

MOACIR. O quê?

ALZIRA. Tua vida.

MOACIR. Que é que tem?

Alzira não responde, só continua fitando Moacir.

MOACIR. Me virando.

ALZIRA. Se virando como?

Moacir não responde. Saca cigarro e isqueiro da maleta. Acende e fuma.

ALZIRA. E agora, além de tudo, ainda está fumando?

MOACIR. Largando.

ALZIRA. Esse troço é um veneno, Moacir. Mata quem fuma e quem está em volta.

MOACIR. Também não é pra tanto, não, mãe...

ALZIRA. É pra tanto, sim, senhor! Não está vendo que uma pessoa direita não se presta botar fumaça goela abaixo? E não se deve fumar dentro de casa, não.

Moacir apaga o cigarro num cinzeiro ao seu alcance.

ALZIRA. *(num rompante)* Moacir!

Moacir toma um susto. Alzira, de imediato, apanha o cinzeiro e parte em direção à cozinha.

ALZIRA. *(saindo)* Ô, meu Deus... Isso é coisa que tu faça, menino?

MOACIR. O quê, mãe?

ALZIRA. *(fora de cena, arremeda)* “O quê, mãe? O quê, mãe?” *(volta com o cinzeiro limpo)* Isso aqui, Moacir! Isso aqui!

MOACIR. Mas se eu não apagasse no cinzeiro eu ia apagar onde?

ALZIRA. Que cinzeiro? Onde foi que tu viu cinzeiro? *(observa o cinzeiro e constata)* Não tem nada de cinzeiro, aqui. É um enfeite! Bonito pra tua cara, né? Sair de casa pra aprender o que não presta.

MOACIR. *(após uma pausa, entregando os cigarros)* Tome. Jogue fora pra mim.

Alzira recebe a carteira de cigarros, mas fica sem entender o que se passa.

MOACIR. Eu não disse que ia largar? Pois então. A melhor hora é essa, mesmo. De agora em diante eu não fumo mais. Pronto.

ALZIRA. E vai largar assim?

MOACIR. Está largado.

ALZIRA. Tem certeza?

MOACIR. Absoluta.

ALZIRA. *(saindo para jogar fora a carteira de cigarros)* Louvado seja Deus! Já é uma coisa a menos! *(já fora de cena)* Meu sonho, Moacir, era que teu pai também tivesse essa luz que tu tá tendo agora e largasse o vício.

MOACIR. Papai ainda fuma muito?

ALZIRA. *(fora de cena)* É ver uma caipora. Agora, só fuma da soleira da porta pra fora, porque aqui dentro eu não deixo mais, que eu não estou doida. Já não tenho cinzeiro em casa é mais por causa disso.

Alzira volta.

MOACIR. E como é que ele está?

ALZIRA. Teu pai?

MOACIR. É.

ALZIRA. *(após alguma hesitação)* Está bem...

MOACIR. Forte?

ALZIRA. Daquele jeito.

MOACIR. E está em casa?

ALZIRA. Não. Deve estar lá no dominó. Daqui a pouco chega, vem tomar a canja dele.

MOACIR. Papai nunca gostou de canja...

ALZIRA. Depois ele começou a gostar. *(após uma pausa)* Moacir.

MOACIR. Diga.

ALZIRA. Quando teu pai chegar, tu não fica olhando muito pra ele, não, viu?

MOACIR. Ave-maria, mamãe! Eu mudei mas ainda sou filha dele e ele ainda é meu pai.

ALZIRA. Não é disso que eu estou falando, não, criatura! Tu não sabe nem do que é que eu estou falando e já vai logo é inventando coisa pra tua cabeça! Estou dizendo pra tu não olhar muito pra ele porque ele está doente.

MOACIR. Doente?

ALZIRA. É.

MOACIR. De quê?

ALZIRA. Tenha calma que também não é nada de morrer, não. É outra coisa.

MOACIR. E o que é?

ALZIRA. Ele entortou dessa banda de cá.

MOACIR. Entortou?

ALZIRA. Deu um derrame nele, essa banda aqui ficou meio entrevada.

MOACIR. *(após uma pausa)* Faz tempo?

ALZIRA. Faz.

MOACIR. Quando foi?

ALZIRA. Já tem muitos anos...

Um silêncio.

ALZIRA. Mas, também, não é muito, não. Precisando ele anda, vai na feira, vai no banco... O que precisar, ele resolve. Olhando pra ele, assim, dá pra ver que mudou. Mas, fora isso, ele ainda faz tudo, do mesmo jeito.

MOACIR. E está trabalhando?

ALZIRA. Aposentou-se.

MOACIR. Por causa do derrame?

Alzira aquiesce.

ALZIRA. E aí tu não fica olhando muito pra ele, não, porque ele pode pensar que é por causa disso, viu?

Moacir aquiesce.

ALZIRA. Mas também não precisa fazer essa cara, não, Moacir! Ele não está nem aleijado! E é pra tratar do mesmo jeito. Normal. Eu, pelo menos, trato. Do mesmo jeito que eu brigava com ele, continuo brigando. Se ainda não estiver brigando mais.

Moacir ri, Alzira ri do riso de Moacir.

MOACIR. *(após uma pausa)* E Cabeça, mãe?

ALZIRA. Deve estar na casa dele.

MOACIR. Com Dona Noélia?

ALZIRA. Não, Moacir, na casa *dele*! Não é na casa da mãe dele, não! Cabeça é um homem casado, já é pai, tem um menino e uma menina.

MOACIR. Ele se casou, foi?

ALZIRA. Ô! Já faz é tempo...

MOACIR. E ainda está bonito?

ALZIRA. *(dando de ombros)* Está forte, careca, de barba... Daquele jeito. Agora, a mulher, só eu te mostrando, porque se eu contar tu não acredita.

MOACIR. O que é que tem ela?

ALZIRA. Escritinha uma cobra.

MOACIR. De magra?

ALZIRA. De magra e de ruim.

MOACIR. Coitado, né, mãe?

ALZIRA. Coitado, não, Moacir. Coitado por que? Quem tem que agüentar as presepada dela é Noélia. Toda vida não é a sogra que paga o pato? Pois então? Ele mesmo eu nunca vi reclamar. Cabeça, de um jeito ou de outro, está feliz.

MOACIR. Ele merece.

ALZIRA. Merece, mesmo. Menino de ouro. Vez por outra ele dá uma passada aí. *(após uma pausa)* Dia das Mães, quando deu de noitinha, ele chegou com os menino pra tomar um refrigerante, comer um bolo, fazer festa pra mãe dele...

MOACIR. Domingo agora, né?

ALZIRA. É. Domingo agora.

Moacir tira da maleta um pequeno embrulho de presente, que oferece a Alzira.

MOACIR. Feliz dia das mães.

A alegria de ouvir a frase é tanta que Alzira se descobre incapaz de receber o presente de pronto.

MOACIR. Pega, mãe.

ALZIRA. *(finalmente recebendo o embrulho)* O que é?

MOACIR. Abra...

ALZIRA. *(desfazendo o pacote)* Não está vendo que não precisava se dar esse trabalho...

Alzira descobre uma imagem de Nossa Senhora, em louça. Fica claro que a beleza do presente a encantou. Ela beija delicadamente a santa.

ALZIRA. Vou botar aqui, pra proteger a casa.

Alzira encontra um bom lugar para deixar a imagem.

ALZIRA. Espera aí que eu vou pegar um negócio que eu fiz pra você.

MOACIR. *(surpreso)* Pra mim?

ALZIRA. É, mas fique aí!

Alzira sai em direção à cozinha.

MOACIR. *(após uma pausa)* Mãe?

ALZIRA. *(fora de cena)* Fique aí. Não venha pra cá, não, que é surpresa!

Moacir ri. Logo Alzira volta com uma porção bem servida de arroz doce.

ALZIRA. Toma. Prova aí.

A visão do doce preferido exerce em Moacir um impacto que transparece.

MOACIR. Arroz doce.

Alzira aquiesce. Moacir recebe o prato, mas é difícil começar a comer, apoderado que foi por uma vontade renitente de chorar.

ALZIRA. Anda, Moacir. É pra comer. Não é pra chorar, não.

Moacir continua tentando controlar o choro.

ALZIRA. Ave-maria, Moacir! Come logo.

MOACIR. A senhora fez pra mim?

ALZIRA. E aqui em casa quem come isso não é só tu? Come aí, pra me dizer se está bom.

Moacir finalmente come.

ALZIRA. Eu fiz liguentinho, do jeito que tu gosta. É daquela receita com ovo.

MOACIR. A que a senhora inventou.

Alzira aquiesce, orgulhosa. Moacir come.

ALZIRA. Está bom?

Moacir aquiesce.

ALZIRA. Se quiser, tem mais lá dentro. Eu fiz foi pra você, mesmo. *(após uma pausa)* Pro seu aniversário...

Moacir encara a mãe e, a partir de agora, não consegue mais deter as lágrimas e precisa parar de comer.

ALZIRA. Se não estiver gostando, não precisa comer, não.

Moacir ainda chora.

ALZIRA. Me dá que eu esquento e melhora.

Moacir ainda chora.

ALZIRA. Anda, Moacir, deixa de choro!

Moacir não consegue parar.

ALZIRA. Ô, menino, que diabo é isso, pelo amor de Deus?

Moacir até que tenta parar, mas ainda não consegue.

ALZIRA. *(a voz já embargando)* Anda, Moacir, que senão eu vou começar a chorar também! Pára...

Moacir finalmente se controla e, com isso, Alzira também se controla.

ALZIRA. *(certificando-se de que não vai chorar)* Ô menino besta...

Um longo silêncio.

ALZIRA. *(finalmente)* Pra que é que tu foi embora, Moacir? Se tu tivesse conversado, tivesse explicado que o problema era esse... Aqui ninguém nunca teve muita coisa, não, mas se tu tivesse conversado a gente dava um jeito de pagar um médico de cabeça.

MOACIR. Eu por acaso sou alguma doida?

ALZIRA. Médico de cabeça não é só pra doido! Médico de cabeça, hoje em dia, é pra todo mundo. Me admira tu, tão moderno, não saber. *(após uma pausa)* Tem suco de tamarindo. Quer?

Moacir faz que não.

ALZIRA. E café?

Moacir faz que não.

ALZIRA. *(após uma pausa)* Quando tu foi embora, tu chegou a passar fome?

Moacir não responde.

ALZIRA. Mas, meu Deus do Céu! Não está vendo que tu não precisava ter passado por essa agonia! Onde foi que tu arranjou que tu tinha que passar por um sofrimento desse? Me diz aí qual era a necessidade que tu tinha de se prestar a uma miséria dessa, de acordar e olhar em volta e não ter nem que fosse um pedaço de pão e um copo de café pra forrar tua barriga? Quando foi que, aqui, na tua casa, tu precisou passar fome? Nunca! Agora me diz, Moacir, por que foi que tu não voltou logo pra casa quando viu que lá fora, por melhor que seja, não presta?

Moacir não responde.

ALZIRA. Tu não faz idéia do que eu sofri, não. Tu não faz idéia do tanto que tua mãe sofreu imaginando o que diabo é que era feito da tua vida – se é que tu ainda estava vivo. Dezenove anos, Moacir. Dezenove anos e eu com o meu coração na mão. Ainda hoje, quando eu lembro do dia que tu foi embora, meu peito vira um oco. Falta perna, falta braço... Onde eu estiver eu fraquejo. Cai tudo da minha mão. E isso é quase todo dia. Tem vez que no meio da noite eu acordo, pensando que ouvi tu me chamar. Aí eu levanto, no susto, corro pra acender a luz, abro a porta... Ninguém. É só tua voz na minha cabeça. *(para um pouco, respira e segue)* Quando eu vou limpar teu quarto eu faço tudo bem devagarinho. Paro, fico por ali, um pedaço, converso com teu retrato – com aquele grande, o de Doutor do ABC – olho pra tua cara, pergunto como é que está a tua vida... E aí tu olha pra mim e dá aquele teu sorriso.

Moacir olha para a mãe e sorri. Alzira constata:

ALZIRA. Esse mesmo sorriso aí que tu está fazendo agora.

MOACIR. *(o tal sorriso se desfaz)* Eu ficando, a senhora ia sofrer mais.

ALZIRA. Isso aí quem está dizendo é tu. É só tu, mesmo. *(após uma pausa)* E aí, depois que tu chegou lá, o que foi que tu fez?

MOACIR. Como assim?

ALZIRA. Foi estudar, foi trabalhar?

MOACIR. Fui dando meu jeito...

ALZIRA. Sim, mas “dando o jeito” é fazendo o quê? Qual era o trabalho que tu fazia? Servente, garçom, pedreiro...

MOACIR. Artista.

Um silêncio.

ALZIRA. Artista como?

MOACIR. Artista...

ALZIRA. Fazendo o quê?

MOACIR. *Show.*

ALZIRA. E como era esse diabo desse *show*, menino?

MOACIR. E como é um *show*, mãe?

ALZIRA. Não sei! Se eu estou lhe perguntando é porque eu não sei! Era *show* de quê? Era de cantar, de dançar, de dizer poesia, de fazer drama, era o quê?

MOACIR. É isso tudo, mesmo: cantar, dançar, dizer poesia, fazer drama...

ALZIRA. E como era tua roupa?

Moacir não diz nada.

ALZIRA. Tu fazia teu *show* vestido de homem ou de mulher?

Moacir não precisa responder.

Um silêncio.

ALZIRA. E aí, depois que tu acabou com essa história?

MOACIR. Não acabou, não, mãe. Estou nisso até hoje.

ALZIRA. Fazendo *show*?

Moacir aquiesce.

ALZIRA. E vai muita gente te ver?

Moacir aquiesce.

ALZIRA. *(após uma pausa)* Quando tu se apresenta, tu diz teu nome?

MOACIR. Por que?

ALZIRA. Pra mim saber como é o teu trabalho! Tu enche a boca pra dizer que eu não sei como é, pois quem vai ter que explicar é tu. Estou perguntando porque artista de novela tudo tem nome inventado e eu quero saber como é que tu faz.

MOACIR. Eu uso outro nome.

ALZIRA. Qual?

MOACIR. Indienne. *(após uma pausa, completa)* Indienne du Bois...

ALZIRA. Como é?

MOACIR. Indienne du Bois.

ALZIRA. É inglês?

MOACIR. Francês. Quer dizer “Índia da Selva”.

ALZIRA. *(após uma pausa)* Então deu foi certo, né? “Moacir” já é nome de índio, mesmo... Combinou.

Moacir ri, Alzira ri do riso de Moacir.

MOACIR. Eu gosto de “Moacir”. Eu acho bonito.

ALZIRA. Foi teu pai que escolheu.

MOACIR. Eu sei.

ALZIRA. Mas esse outro aí que tu inventou – como é, mesmo?

MOACIR. Indienne.

ALZIRA. É. Esse aí. É bonito, também.

MOACIR. É.

ALZIRA. E na tua vida, mesmo, quando tu não está fazendo *show*, como é que o povo te chama?

MOACIR. Indienne.

ALZIRA. Também?

Moacir aquiesce.

ALZIRA. É bonito...

Um silêncio.

ALZIRA. *(subitamente)* E onde foi que tu aprendeu esse diabo desse nome, menino?

MOACIR. Estudando, mãe.

ALZIRA. Inglês?

MOACIR. Francês.

ALZIRA. Hoje em dia é importante, mesmo, a pessoa falar outra língua... *(após uma pausa, consigo)* Indienne... *(para Moacir)* Quer dizer “índia”, né?

Moacir aquiesce. Alzira ri e, com ela, Moacir.

ALZIRA. Esse teu *show* dá dinheiro?

MOACIR. Pouco, mas dá.

ALZIRA. Mas tu não está mais passando fome, não, está?

MOACIR. Não.

ALZIRA. E tu tem uma casa?

MOACIR. Uma kitenete.

ALZIRA. Como é isso?

MOACIR. É tipo um quarto e sala.

ALZIRA. Mas é sua! É pequena, mas é sua... *(após uma pausa)* Eu pergunto porque vez por outra a gente vê artista mesmo, famoso, de televisão, dizendo que está passando necessidade, né? E aí, se pra eles está difícil, quanto mais quem está começando.

MOACIR. *Começando*, mãe?

ALZIRA. *Começando*, que eu digo, é quem ainda não está famoso. Mas se dá pra tu viver, então está bom. *(após uma pausa)* Tu não chegou a precisar se meter com besteira, não, né?

MOACIR. Como assim?

ALZIRA. Besteira.

MOACIR. Besteira como?

ALZIRA. *Besteira*, Moacir. Vida desregrada, sem Deus.

MOACIR. Não entendi.

ALZIRA. Entendeu, sim, você não mais é criança...

MOACIR. Não entendi, não, senhora.

ALZIRA. Entendeu, Moacir! É só o que se escuta falar de artista! Tu liga aí a televisão que tu vê. Todo mundo diz.

MOACIR. O quê?

ALZIRA. Que tem artista, artista mesmo, de televisão, artista famoso, que cai na vida! Vai se sujar, se prostituir/

MOACIR. (*corta, ferino*) Ah... A senhora está querendo saber se eu sou puta.

ALZIRA. Que é isso, menino? Olha o respeito!

MOACIR. A senhora acabou de perguntar se eu sou puta.

ALZIRA. Bote sentido no que você está dizendo, que eu sou sua mãe!

MOACIR. E acabou de me chamar de puta!

ALZIRA. Já chega de conversa, moleque!

MOACIR. Eu não sou puta, não, senhora!

ALZIRA. Já chega, Moacir!

MOACIR. Não sou puta, não!

ALZIRA. (*explode*) Já chega, Moacir! Já chega, pelo amor de Deus!

Moacir cala-se. Um silêncio.

ALZIRA. (*muda de tom*) Não diga palavrão, não. Isso é uma coisa muito feia... Você, toda vida, foi muito educado, graças a Deus. Essa queixa ninguém pode lhe fazer. Ninguém. O melhor menino que tinha por aqui era você e todo mundo dizia. Dizia mesmo. Na escola, na missa... Todo mundo dizia. Agora, não diga palavrão, não. Você não dizia naquele tempo, pra que é que vai dizer agora? Ainda mais dentro da sua casa. O que a gente aprende na rua, a gente deixa na rua. Não traz pra casa, não. Limpou os pés na soleira da porta, pronto: o que era da rua fica pra trás. Chega, pelo amor de Deus.

Mais silêncio.

ALZIRA. Me desculpe eu ter lhe perguntado aquilo, viu? Me desculpe. (*levantando*) Você está nervoso... Eu vou fazer uma garapinha de açúcar pra você.

MOACIR. Não precisa, não.

ALZIRA. Precisa.

Alzira sai e, passado um tempo, grita da cozinha.

ALZIRA. *(fora de cena)* Moacir, onde foi que tu botou o açúcar?

MOACIR. No armário do pão, mãe.

Passado um tempo, Alzira volta com o copo de garapa.

ALZIRA. Agora eu estou guardando na geladeira, pra não dar formiga.

Alzira entrega a meizinha a Moacir, que vai bebendo aos poucos.

ALZIRA. Já me ensinaram que se botar cravo na vasilha do açúcar resolve, também, mas eu tentei e foi mesmo que nada. Mesmo que deixar destampada. Parece que as formiga daqui gostam mais de cravo do que de açúcar. E agora está dando uma pequenininha assim que atravessa a tampa que for. A tampa que inventar elas atravessam. Até com plástico eu já amarrei a boca dessa vasilha, mas cadê que deu conta? Eu tenho pra mim que, querendo, elas atravessam até parede. Na geladeira elas não mexem, eu acho que por causa do frio, né? Do frio elas têm medo.

MOACIR. Mãe...

ALZIRA. Diga.

MOACIR. Eu já precisei fazer programa. *(após uma pausa, completa)* Mas isso não é vergonha pra ninguém.

ALZIRA. *(indicando a garapa)* Não beba toda, não. Deixe um golinho pra mim.

*Moacir entrega-lhe o copo. Alzira bebe o que resta da água com açúcar.
Silêncio.*

MOACIR. *(constatando o estado de nervos da mãe)* Vou lá pegar mais.

ALZIRA. Faça forte...

MOACIR. Sim, senhora.

Moacir aquiesce e sai. Passado um tempo ele volta, mexendo o açúcar no copo, com uma colher.

ALZIRA. Botou o açúcar na geladeira?

MOACIR. *(aquiescendo)* Prove aqui.

ALZIRA. *(examinando o copo)* Ave-maria, Moacir... É tanto açúcar que chega ficou um dedo no fundo.

MOACIR. É que pela cara que a senhora fez...

ALZIRA. *(tomando a mezinha)* Eu estou diminuindo mais no doce. Ficando velha, né? Deu na televisão que nessa idade a mulher tem que diminuir no açúcar porque os ossos da gente vão enfraquecendo. Aí eu vou tentando controlar. Seu pai reclama por causa do café, que eu estou fazendo mais amargo. Mas já disse pra ele que se ele mesmo não pode se dar ao trabalho de adoçar o café da xícara dele ou é porque está querendo comprar briga comigo ou é porque está doente de preguiça. Preguiça, pra mim, é doença. Qual é o trabalho que dá pegar uma colher de açúcar, botar numa xícara e mexer? Já disse que não vai ser por isso que o braço dele vai entortar mais nem a mão dele vai cair, mas é mesmo que nada. Até um açucareiro pequeno já tem, que eu comprei pra ele. Um vermelho. Está lá na geladeira. Ele usa? Usa nada... O açúcar vira pedra de tanto que fica parado. É querendo arranjar briga, mesmo.

MOACIR. Está melhor?

ALZIRA. *(aquiesce e, após uma pausa, continua)* Filho.

MOACIR. Diga.

ALZIRA. Você tomou cuidado?

MOACIR. Com o quê?

ALZIRA. Com doença.

MOACIR. Tomei.

ALZIRA. Tem certeza?

MOACIR. Tenho.

ALZIRA. Não está dizendo isso da boca pra fora, só pra me acalmar, não, né?

MOACIR. Eu juro.

ALZIRA. *(observa mais um pouco o filho e retoma)* Moacir...

MOACIR. Diga.

ALZIRA. *(desistindo)* Nada...

MOACIR. Pode perguntar. Se já começou a falar então é melhor perguntar logo. A melhor hora é essa mesmo.

Ela quase pergunta, mas refreia.

MOACIR. Diga, pode dizer.

ALZIRA. E maconha?

Ele vai responder que sim, mas observa num relance o rosto da mãe e muda o rumo da resposta:

MOACIR. Mamãe, vamo parar logo com essa conversa?

ALZIRA. Vamo.

MOACIR. Melhor, né?

ALZIRA. É. Melhor. *(após uma pausa, abre os braços)* Venha cá, pequeno, venha. Deixe sua mãe lhe abraçar.

Moacir se aproxima da mãe e os dois se abraçam.

ALZIRA. Meu filho. Tão cheiroso...

Moacir ri. Alzira encosta a cabeça no peito do filho e ele a afaga.

MOACIR. O cabelo da senhora está tão maltratado, mãe... Um cabelo bonito desse, a senhora podendo cuidar, deixa largado. O cabelo de uma mulher é uma coroa de rainha. É uma grinalda.

ALZIRA. Então está certo o meu ser estragado desse jeito, porque eu estou mais é pra escrava.

MOACIR. Lá vem a besteira... Isso aqui, a senhora fazendo uma massagem, pra hidratar, dando um corte, a senhora vai ver como fica lindo.

ALZIRA. E eu tenho dinheiro pra isso, Moacir?

MOACIR. Não precisa de dinheiro, não, mãe. Isso aí eu faço.

Alzira olha para Moacir, outra vez surpresa.

MOACIR. É tudo coisa que a gente tem que aprender!

ALZIRA. *(conformada com a explicação)* E pra cortar?

MOACIR. Eu corto, também. Deixa eu olhar pra senhora.

Moacir examina o cabelo de Alzira e o formato do rosto da mãe.

MOACIR. Faço um estaqueado aqui, olha... Descendo assim, em camada.

ALZIRA. Será que presta?

MOACIR. Presta. Pode confiar.

ALZIRA. Eu estou usando assim, meio curto, porque não esquenta tanto minha nuca.

MOACIR. Sim, mas não é porque é curto que pode deixar ao Deus-dará, não.

ALZIRA. Mas, meu filho, isso fica mais é no lenço, pra não pegar cheiro de comida.

MOACIR. Pois agora vai ficar sem lenço.

ALZIRA. Mas aí vai dar mais trabalho, Moacir!

MOACIR. Ah, mamãe! Se for assim também... Pra gente ficar bonita, algum trabalho tem que ter!

Alzira meio que se conforma e Moacir volta a afagar-lhe.

ALZIRA. *(levantando-se de súbito)* Espera aí.

MOACIR. Que foi?

ALZIRA. Volto já. Espere aí...

Alzira sai e, passado um tempo, volta e mostra ao filho um par de brincos.

ALZIRA. Combina?

MOACIR. Lindo, mãe.

ALZIRA. Bonitinho, né?

MOACIR. Lindo!

ALZIRA. Eu não usei ainda porque eu estava com vergonha.

MOACIR. Bote aí, pra eu ver.

ALZIRA. É pendurado.

MOACIR. Deixe eu ver como é que fica na senhora.

Ela põe os brincos e Moacir se perde, por um tempo, na beleza da mãe.

ALZIRA. Dá pra usar com esse corte que tu disse?

Moacir aquiesce.

ALZIRA. *(tirando os brincos)* Vou guardar.

MOACIR. Por que não fica logo usando?

ALZIRA. Já ficou guardado tanto tempo! Vou esperar pra usar com o cabelo novo.

No que a mãe sai para guardar os brincos, Moacir retira de sua maleta uma tiara de conchas e búzios. Quando Alzira volta, o objeto é a primeira coisa que nota.

ALZIRA. Ah, não, Moacir! Nem venha! Não está vendo que isso não é para mim!

Moacir põe na própria cabeça a tiara e a mãe silencia.

MOACIR. No *show* eu faço a Clara Nunes.

Alzira, a despeito de grande esforço, não consegue deixar seu estado de estupor. Percebendo a reação da mãe, Moacir vai tirar a tiara, mas Alzira o detém com um gesto. Passam ainda alguns instantes até que ela consiga falar:

ALZIRA. Mostre aí.

MOACIR. O quê?

ALZIRA. Como é que você faz lá... Seu *show*.

MOACIR. Está fazendo hora com a minha cara, né? (*entendendo finalmente que a mãe está sendo sincera no pedido*) Aqui?

Alzira aquiesce. Moacir hesita longamente, mas levanta.

MOACIR. (*tentando dissuadir a mãe*) Lá a gente bota uma música e aí eu vou dublando.

ALZIRA. Pois cante.

MOACIR. Não sei cantar, não, mãe.

ALZIRA. Sabe, sim. Cante aí!

MOACIR. Não sei!

ALZIRA. Sabe, Moacir! Desde pequeno que tu era cantor! Toda vida foi. Cante, porque senão eu não vou saber como é que fica.

MOACIR. Pois então a senhora canta e eu vou dublando.

ALZIRA. Eu não sei nem qual é a música!

MOACIR. É aquela assim:

Moacir canta os primeiros versos de “Guerreira” (de João Donato e Paulo César Pinheiro):

*Se vocês querem saber quem eu sou
Eu sou a tal mineira!*

MOACIR. Vai, mãe, continua!

ALZIRA. Não sei, filho. Cante você.

MOACIR. Se a senhora não cantar, eu não danço.

Alzira hesita um pouco, mas cede e canta:

*Se vocês querem saber quem eu sou
Eu sou a tal mineira!*

Moacir dubla a voz da mãe, enquanto ensaia dançar a Clara Nunes.

*Filha de Angola, de Keto e Nagô
Não sou de brincadeira!
Ando pelos sete cantos
Não temo quebrantos
Porque eu sou guerreira!*

Antero aparece à porta, com a correspondência. Moacir pára imediatamente.

ALZIRA. Que foi?

Alzira vê Antero.

Silêncio.

Moacir tira da cabeça a tiara de conchas e búzios.

MOACIR. A bênção, papai.

Antero tenta dizer algo, mas não consegue porque a saliva insiste em embotar o caminho das palavras.

ALZIRA. Calma, Antero... Isso é jeito de tu receber teu filho?

Ao tentar se apoiar para sentar, Antero quebra a vasilha na qual tomaria canja.

ALZIRA. Antero, pelo amor de Deus, isso é coisa que se faça? Olha aí, o vexame que tu tá dando!

Antero saca seu lenço e enxuga a baba.

ALZIRA. *(reclama, enquanto apanha os cacos de louça)* Muito bonito pra tua cara, né? Agora onde é que tu vai tomar canja? – Levanta aí o pé, não está vendo que eu estou trabalhando? – Eu agora vou botar teu jantar na vasilha do cachorro. Está se fazendo de bicho, pois vai comer na vasilha do Japi!

MOACIR. *(corta)* Deixa, mãe. Deixa o papai...

Alzira se controla, finalmente.

Silêncio.

MOACIR. *(tentando quebrar o silêncio de pedra)* É Japi, o cachorro?

ALZIRA. É.

MOACIR. *(fazendo menção de sair)* Pois eu vou lá fora ver ele...

ALZIRA. Não é aquele Japi, não, Moacir! Aquele morreu já tem anos! Esse aí podia ser é neto do outro. Quando eu peguei aquele pra criar, tu ainda era criança e ele já era velho... Depois daquele já teve mais uns três.

MOACIR. E o nome desse é Japi, também?

ALZIRA. É. É tudo um nome só, que eu não vou perder meu tempo inventando nome pra cachorro! E se eu ficar mudando, é capaz de teu pai não decorar...

ANTERO. *(finalmente)* O teu Japi morreu de desgosto.

Alzira e Moacir voltam sua atenção para Antero.

ANTERO. *(segue, após uma pausa)* Depois que tu fugiu, foi dando um tristume nele, ele foi se amuando... Quando deu fé, morreu. *(respira mais um pouco e continua)* Pra que foi que tu voltou, heim, Moacir? Pra dar mais desgosto do que já deu quando foi embora?

MOACIR. Papai/

ANTERO. *(corta)* Tu foge de casa, larga pra trás o teu pai e a tua mãe e nunca, em vinte anos/

MOACIR. *(corta)* Dezoito.

ALZIRA. *(corrige)* Dezenove.

ANTERO. *(insiste)* Nunca, em vinte anos tu mandou nem que fosse uma carta! Nem um papel com teu nome escrito tu mandou! Nunca nem pra dizer que estava vivo. Nem pra dizer que lembrava de nós... Tem carta que só custa um centavo pra mandar. *(faz mais uma pausa e segue)* E aí, Moacir, um dia eu chego em casa e te encontro virado nisso aí que tu está agora... Não bastava o que tu já tinha feito, não, né? Não bastava tu ter levado minha perna, meu braço, a força que eu tinha pra trabalhar, o gosto que eu ainda tinha de rir... Está me olhando assim, por que? Tudo isso foi tu que levou. Naquela mesma semana que tu foi embora eu deixei de ser um homem pra virar isso aqui que tu está vendo. Foi naquela mesma semana. *(respira mais um pouco e segue)* Que tu não soubesse o número do telefone, está certo, porque nós só botamo muito depois. Mas a casa ainda está no mesmo canto e tu nunca nem pra mandar uma carta! Se tu tivesse mandado um bilhete que fosse, talvez eu tivesse paz no meu coração. E o que eu queria era só isso, mesmo. Mais nada. Só isso. Me desse ao meno essa paz!

ALZIRA. Pára, Antero!

ANTERO. *(segue sem dar ouvido à esposa)* Tu aleijou teu pai e pra completar ainda virou isso aí que tu é agora!

ALZIRA. Pára, Antero! Não foi o menino que te aleijou, não!

ANTERO. Foi, sim.

ALZIRA. Não foi, não, e tu sabe! Tu está desse jeito é porque tu nunca teve coragem de gastar dinheiro com o remédio da pressão! Tu está desse jeito é por causa do cigarro que tu nuca largou! Teu mal é o vício. Moacir hoje mesmo largou o cigarro e cadê que tu larga? O menino está com esse problema, mas pelo menos o mal que ele faz é só a ele! Quem escolheu gastar o dinheiro do remédio jogando dominó foi tu, então não bote a culpa nele, não, que tudo que tu diz Moacir acredita e nada disso que tu disse aí é verdade! E chega!

ANTERO. *(ainda mais sentido que antes)* Eu pensava que algum cigano tinha te roubado... Diz que cigano, quando rouba criança alheia, bota doido. Ou então que tu tivesse caído, batido a cabeça nalguma pedra, perdido o juízo. Mas essas coisa de cabeça, uma hora a gente está ruim, outra hora a gente está bom. E aí eu imaginava que um dia tu ia escrever pra teu pai e pra tua mãe dizendo onde tu estava, dizendo como é que estava tua família, tua vida, teu trabalho... Aonde, heim, Moacir? Tu não estava doido, não. *Doido*, desse jeito que eu estou dizendo, não. *(após uma pausa)* Menino, pelo amor de Deus, porque é que tu nunca fez essa caridade de mandar uma carta pra dizer que lembrava de nós? Nem que fosse só um papel com o teu nome escrito? *(após uma pausa e finalmente)* Tem carta que só custa um centavo pra mandar...

A tal vontade renitente de chorar agora se apodera de Antero.

ALZIRA. Está bom, Antero! Também não precisa chorar, não... Chega.

Antero não consegue se controlar.

ALZIRA. Isso é papel que tu faça na frente do menino, heim, Antero? Isso é papel que tu faça? Tu não é homem, não? O que é que o menino vai pensar? Pára com isso! Isso aqui não é nem enterro!

Antero aos poucos se controla.

MOACIR. Papai, onde eu estivesse, fosse onde fosse, todo dia, antes de eu dormir, eu rezava um pai-nosso e uma ave-maria pra vocês dois, viu?

ALZIRA. Viu? Ele não esqueceu da gente, não! Ouviu, Antero? Responde.

Antero, cabisbaixo, aquiesce.

ALZIRA. E ele agora é artista. É, sim senhor! Faz *show*! Imita a Clara Nunes!

Antero encara finalmente o filho.

ALZIRA. Tu não adorava a Clara Nunes? Pois então? Podendo ficar feliz, fica aí com a cara amarrada...

ANTERO. *(para Moacir)* Tu imita a Clara Nunes, é?

Moacir aquiesce.

ANTERO. Pelo menos isso tu escolheu direito...

*Os três riem um pouco. O riso se esvai.
Silêncio.*

MOACIR. Diz que se está todo mundo falando e de repente se cala é porque passou um anjo. *(após uma pausa)* Se for, acabou de passar um por aqui.

Outro silêncio.

MOACIR. Tanta saudade que eu tinha de vocês dois. Saudade da minha casa, da minha mãe, do meu pai...

ANTERO. Pra que é que tu tinha que ir embora, menino?

MOACIR. É que a gente faz besteira, mesmo, pai. A gente erra muito, pra aprender.

ALZIRA. Tanta saudade que a gente tinha de você, Moacir... Tanta saudade... Deus do céu foi que lhe mandou aqui. Antes essa casa era tristeza, mas agora que você voltou ela é alegria. Graças a Deus! Está todo mundo alegre porque você voltou. *(após uma pausa)* Já pensou se tu pudesse ficar?

MOACIR. A senhora ia gostar?

ALZIRA. Claro, Moacir! É claro que eu ia.

MOACIR. *(tomando finalmente coragem)* Eu vim foi pra ficar, mãe.

Moacir olha os pais na esperança de uma reação entusiasmada que não vem.

MOACIR. Já rodei demais nessa vida, passei por muita judiação... Estou cansada.

Alzira e Antero se entreolham.

ALZIRA. Você está com algum problema lá na cidade? Se estiver, pode dizer.

MOACIR. Não. Problema nenhum.

ALZIRA. Está doente?

MOACIR. Doente de quê?

ALZIRA. De alguma coisa que você não está querendo me dizer.

Moacir faz que não.

ALZIRA. Moacir, diga a verdade.

MOACIR. (*corta*) Eu não estou doente! (*segue, após uma pausa*) Estou é cansada, mãe...

ALZIRA. Cansado de quê, menino? Que história mais doida é essa?

MOACIR. Passei a vida toda sendo por mim mesma, sem ninguém. Eu queria ter a minha família... Eu acho família uma coisa bonita. Já conheci muita menina assim que arranjou um marido, arranjou filho pra criar... Mas nunca deu certo eu me prender a ninguém nem ninguém se prender a mim. Nunca. E eu já tentei tanto que não tenho mais nem força pra tentar. Voltando pra cá, eu ajudo na casa, tomo conta de vocês, arranjo um emprego/

ALZIRA. (*corta*) Mas, Moacir, onde é que tu vai fazer teu *show*?

MOACIR. Eu faço outra coisa, mãe.

ALZIRA. O quê?

MOACIR. Eu posso ser cabeleireira, posso trabalhar em algum balcão de loja. Eu aprendi a fazer muita coisa...

ALZIRA. (*após uma pausa*) Você está pensando que é fácil, Moacir... Pare pra pensar/

MOACIR. (*intromete-se na fala da mãe*) Por favor, mãe, deixe eu ficar...

ALZIRA. (*retomando, com cautela*) Olhe em volta, meu filho. Me diz se tu acha mesmo que aqui tua ia ser feliz... Do mesmo jeito que você disse que foi embora pra não ver seu pai e sua mãe sofrer eu lhe digo que se você voltar quem vai sofrer mais é você. Sua felicidade não está aqui, não. Você não acabou de dizer que quer ter uma família? Pois então? A chance de você achar uma moça boa pra se casar com você está lá. Tudo que você construiu até agora, meu filho, está lá.

MOACIR. Tudo que construí até agora está aí nessa mala, mãe.

ALZIRA. (*sem dar ouvidos ao filho*) E com fé em Deus você ainda vai ter sua família. Vai, sim. Da próxima vez, quando você voltar, talvez já venha até casado, com filho e tudo. Com um caszinho, feito os meninos do Cabeça. Quando for dia das mães, você vem, traz sua esposa, traz todo mundo, vai ser tão bom... A gente faz assim: um ano você passa aqui, o outro ano você passa na casa da sua sogra, que é pra não dar briga/

MOACIR. (*corta*) Eu vou embora.

Moacir permanece onde está e fita os pais: silêncio absoluto.

ALZIRA. Sem choro, Moacir... Não tem porque chorar. Escute o que sua mãe está dizendo: vá tomar um banho, mude essa roupa que você usou na viagem, pegue uma roupa limpa, do seu pai, e venha jantar. Quando der mais tarde você dorme, descansa e aí, de manhã, eu faço café, faço aquele bolo fofo com nata que você gosta e a gente toma café junto, nós três. Quando der seis e vinte a gente lhe leva no trevo, pra você pegar o ônibus. Você veio de ônibus, não foi? Pois então... A gente lhe leva lá e você pega o ônibus das seis e meia.

Moacir não diz nada, mas também não segue as instruções da mãe.

ALZIRA. Moacir, nesse instante não estava todo mundo tão alegre? Vá lavar essa cara, vá molhar o corpo e tirar essa poeira da estrada que você melhora./

MOACIR. (*corta*) Eu vou embora.

ALZIRA. Amanhã, quando você estiver descansado, você vai.

MOACIR. Amanhã, não: Agora.

ALZIRA. E onde é que tu vai arranjar ônibus uma hora dessa, menino?

MOACIR. Eu pego um carro.

ALZIRA. O carro é uma fortuna, Moacir! Deixa de agonia, anda! Vá tomar banho pra jantar...

Moacir pensa por um tempo e, por fim, levanta mas não segue as instruções da mãe: Pega a mala e a maleta e toma o rumo da porta.

ANTERO. Moacir!

Moacir se volta para o pai.

ANTERO. (*pede*) Tu escreve pra nós?

Moacir retira da maleta um panfleto de propaganda da boate onde trabalha (e no qual figura em destaque, caracterizado de Clara Nunes) e o entrega ao pai.

MOACIR. Se um dia vocês forem por lá, vocês passam lá na boate pra me ver. É só dizer que são os pais de Indienne que eles deixam vocês entrarem.

ANTERO. Indienne?

ALZIRA. (*para Antero*) É francês... Quer dizer “Índia”.

Antero aquiesce. O silêncio de pedra se instaura novamente. Certo de que não há mais volta, Moacir pega sua mala e vai outra vez em direção à porta mas, nisso, do lado de fora da casa, alguém bate palmas.

Moacir pára.

NOÉLIA. (*fora de cena*) Alzira? (*após uma pausa, bate palmas outra vez*) Ô, comadre! (*bate palmas ainda outra vez mas, como na casa não há nenhuma resposta, vai entrando*) Eu bati palma, viu? Depois tu não vem dizer que eu estou entrando sem bater/

Noélia entra, de véu na cabeça e rosário na mão e, ao ver Moacir, se cala.

MOACIR. Dona Noélia...

*Noélia, atônita, reconhece de imediato Moacir.
Moacir volta-se para os pais, observa-lhes um instante e só então fala à visita:*

MOACIR. Eu vim trazer um recado de Moacir, seu afilhado. Ele mandou dizer que está bem e que está com muita saudade da senhora. Ele pede sua bênção e pede também que a senhora diga a Cabeça que ele ficou muito contente de saber do casamento, dos filhos, de saber que ele está feliz. A senhora diz?

Noélia aquiesce. Moacir está prestes a sair, quando ela o interrompe.

NOÉLIA. Você diga a ele que – que Deus lhe abençoe.

Moacir aquiesce, sorri e sai.

NOÉLIA. *(após uma pausa)* Comadre?

Alzira não responde.

NOÉLIA. *(ainda desnorteadada)* Eu vim te chamar pra missa...

ALZIRA. Já vou.

Alzira sai em direção ao quarto.

NOÉLIA. Está tudo bem, compadre?

Antero não responde. Ele percebe que Moacir esqueceu em algum canto da casa a tiara de conchas e búzios, vai até o objeto, apanha-o e sai, levando-o consigo.

Noélia percebe a imagem de Nossa Senhora. Está examinando-a quando volta Alzira, de véu na cabeça e rosário na mão.

NOÉLIA. Está linda, essa Nossa Senhora.

ALZIRA. Deixa isso aí, Noélia! Deixa isso aí e vamo logo, senão a gente se atrasa.

NOÉLIA. Estava só vendo.

ANTERO. *(distante, fora de cena)* Moacir!

Alzira e Noélia se entreolham. Alzira toma a imagem das mãos da amiga.

ALZIRA. Não tem nada pra ver aqui, não! Não tem nada pra você ver aqui...

ANTERO. *(fora de cena, ainda mais longe)* Moacir!

E fica Noélia atônita e Alzira examinando a imagem e Antero chamando o nome do filho, cada vez mais longe, enquanto o palco é tomado pela escuridão.

Cai o pano.